

«CORRENDO PARA O ALCANÇAR»
Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação
Rimini, 4 de Abril de 2014

Apontamentos da Introdução de Julián Carrón

«Correndo para O alcançar».¹ Quem não gostava de estar aqui esta noite com a mesma expressão toda escancarada, toda tensa, toda desejosa, cheia de espanto, de Pedro e João a caminho do sepulcro na manhã de Páscoa?² Qual de nós não desejaria estar aqui com aquela tensão à procura de Cristo, que vemos nas caras deles, com o coração cheio daquela expectativa de encontrá-Lo ainda, de revê-Lo de novo, de serem atraídos, fascinados como no primeiro dia? Mas qual de nós espera verdadeiramente que possa acontecer uma coisa como esta?

Como a eles, também a nós custa dar crédito ao anúncio das mulheres, quer dizer, reconhecer o facto mais perturbador da história, dar-lhe espaço dentro de nós, acolhê-lo no coração para que nos transforme. Também nós, como eles, sentimos a necessidade de ser novamente aferrados, para se reacender em nós toda a saudade de Cristo.

Peçamos juntos ao Espírito Santo que reacenda em cada um de nós a expectativa, o desejo d'Ele.

Vinde, Espírito Criador

Bem-vindos!

Saúdo cada um de vocês aqui presentes, todos os amigos que estão conectados connosco em diversos países e todos aqueles que vão fazer os Exercícios em diferido nas próximas semanas.

Dois factos marcaram o nosso caminho nos últimos meses: a Jornada de Início de Ano e a minha audiência com o Papa Francisco.

Na Jornada de Início de Ano pusemos como tema duas perguntas: «Como viver? O que estamos a fazer no mundo?» Fazendo-nos estas perguntas, naquela ocasião, vimos que o que mais necessitamos é tornarmo-nos cada vez mais uma presença original, não reactiva. Don Giussani recordava-nos: «Uma presença é original quando brota da consciência da própria identidade e da afeição a ela, e nisso encontra a sua consistência.»³

Desde então passaram-se vários meses e temos sido desafiados por muitos acontecimentos. O que é que sucedeu perante as provocações que o real não nos poupou? Estes dias são uma oportunidade preciosa para ver que verificação fizemos da proposta que nos fizemos no início do ano. O impacto dos desafios fez vir ao de cima a nossa originalidade? Verificámos a nossa consistência ou deixámo-nos levar pela mentalidade de toda a gente, sem conseguir ir além de uma posição reactiva?

A audiência com o Papa Francisco, cujo conteúdo foi retomado na carta que a seguir enviei à Fraternidade, pôs em evidência desde o primeiro instante aquilo que mais interessa ao Santo Padre como pastor de toda a Igreja. Não me parece supérfluo voltar a ela no início dos nossos Exercícios.

¹ Cf. *Fil* 3,12.

² Ver o quadro de Eugène Burnand (1850-1921): *Os discípulos Pedro e João correm ao Sepulcro na manhã da Ressurreição*, Óleo sobre tela, 1898, Musée d'Orsay, Paris.

³ L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, Milão, Bur, 2006, p. 52.

O que é que mais interessa ao Papa? Ele disse-o com o seu estilo sintético: a nova evangelização, a urgência de «despertar no coração e na mente a vida da fé dos nossos contemporâneos. A fé é um dom de Deus, mas é importante que nós, cristãos, demonstremos que vivemos a fé de maneira concreta, através do amor, da concórdia, da alegria e do sofrimento, porque isto desperta interrogações, como no início do caminho da Igreja: por que vivem assim? O que os impele? [...] [O] cerne da evangelização [...] o *testemunho* da fé e da caridade. Do que precisamos, especialmente nesta época, são testemunhas credíveis que, com a vida e também com a palavra, tornem o Evangelho visível, despertem a atracção por Jesus Cristo e pela beleza de Deus. [...] São necessários cristãos que tornem visível aos homens de hoje a misericórdia de Deus, a sua ternura por todas as criaturas.»⁴

O que mais interessa ao Papa é, pois, a missão. «A nova evangelização é um movimento renovado rumo àqueles que perderam a fé e o sentido profundo da vida. Este dinamismo faz parte da grande missão de Cristo, de trazer a vida ao mundo, o amor do Pai pela humanidade. O Filho de Deus “saiu” da sua condição divina e veio ao nosso encontro. A Igreja encontra-se no interior deste movimento, e cada cristão é chamado a ir ao encontro do seu próximo, a dialogar com quantos não pensam como nós, com aqueles que seguem outro credo ou com quantos não têm fé. É preciso encontrar o próximo, porque aquilo que nos irmana é o facto de termos sido todos criados à imagem e semelhança de Deus. Podemos ir ao encontro de todos, sem medo e sem renunciar à nossa pertença.»⁵

O Papa identificou com clareza também o método: o apelo ao essencial. Ir «até às periferias da humanidade», escreve, «exige o compromisso [...] que chame ao essencial e que esteja *bem centrado no essencial, ou seja, em Jesus Cristo*. É inútil dispersar-se em numerosas actividades secundárias ou até supérfluas, mas é preciso concentrar-se na realidade fundamental, que é o encontro com Cristo, com a sua misericórdia, com o seu amor, amando os nossos irmãos como Ele mesmo nos amou.» Isso «nos impele também a percorrer caminhos novos com coragem, sem nos fossilizarmos! Poderíamos perguntar-nos: como é a pastoral das nossas dioceses e paróquias? Ela torna visível o essencial, ou seja, Jesus Cristo?»⁶

Na carta após a audiência escrevi: «Peço-lhes que acolham como dirigida a nós – especialmente a nós que nascemos somente para isto, como testemunha toda a vida de Dom Giussani – a pergunta do Papa Francisco: cada um de nós, cada comunidade do nosso Movimento, “torna visível o essencial, isto é, Jesus Cristo”?»⁷ Diante das circunstâncias históricas por meio das quais o Mistério desafiou cada um de nós, tornámos visível o essencial ou dispersámo-nos em tantas coisas secundárias e supérfluas?

Com a sua chamada ao essencial, o Santo Padre mostra-nos para onde ele olha a fim de responder ao desafio de viver hoje a fé no nosso mundo. A chamada ao essencial é uma indicação crucial de método.

Por isso, a questão fundamental é: o que é para nós o essencial? O essencial é aquilo que responde à pergunta sobre como viver. O que é para cada um de nós o essencial? Nenhuma pergunta é mais pertinente que esta para o início dos nossos Exercícios, justamente pela sua radicalidade. «Ninguém pode servir a dois senhores: ou não gostará de um e estimará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro.»⁸ Esta frase de Jesus diz-

⁴ Francisco, *Discurso aos participantes da Plenária do Pontifício Concílio pela Promoção da Nova Evangelização*, 14 de Outubro de 2013, 1.

⁵ *Id.*, 2.

⁶ *Id.*, 3.

⁷ J. Carrón, *Carta à Fraternidade de Comunhão e Libertação*, 16 de Outubro de 2013.

⁸ Mt 6,24.

nos que cada um de nós só pode afirmar uma coisa como última, já que a unidade do eu humano é inelutável. Por isso, perante as provocações da vida cada um é forçado a decidir qual é a coisa última que preza mais que nenhuma outra. O impacto das circunstâncias não nos deixa campo de manobra, obriga-nos a revelar o que temos de mais caro.

Como podemos surpreender, sem enganar, o que é para nós o essencial? O método ensinou-o sempre *don* Giussani: surpreendendo-nos em acção, na experiência. Porque «os factores que constituem o humano manifestam-se [e nós tomamos consciência deles] onde quer que se empenhem na acção; caso contrário, não são detectáveis [...]. Quanto mais alguém está empenhado na vida, tanto mais capta na experiência pessoal os próprios factores da vida. A vida é um tecido de acontecimentos e de encontros que provocam a consciência, produzindo nela certos problemas em variada medida. O problema não é senão a expressão dinâmica de uma reacção a esses encontros. É portanto um tecido de problemas, uma trama de eventos suscitados pelos encontros, muito ou pouco provocadores. O significado da vida – o das coisas mais pertinentes e importantes da vida – é um nível apenas alcançável para quem leva a vida a sério com os seus acontecimentos e encontros; para quem está empenhado na problemática da vida. Estar empenhado com a vida não se refere ao exasperado compromisso com um ou outro dos seus aspectos: o compromisso com a vida nunca é parcial. O empenho em um ou outro aspecto da vida, se não for vivido como consequência de um compromisso global com a própria vida, arrisca-se a tornar-se parcialidade desequilibradora, uma fixação, uma histeria. Recordo uma palavra de Chesterton: “O erro é uma verdade enlouquecida”». Por isso «a condição para se poder descobrir em nós a existência e a natureza de um elemento condutor e decisivo como é o sentido religioso, é o compromisso com a vida inteira, em que tudo se inclui: amor, [trabalho,] estudo, política, dinheiro, até o alimento e o repouso, sem nada deixar de parte, nem a amizade nem a esperança nem o perdão nem a cólera nem a paciência. Na verdade, em cada gesto reside um passo para o nosso destino».⁹

Então o que é que sucede quando alguém se compromete com todos os factores da vida, com a vida inteira? Que quanto mais uma pessoa vive, mais se manifesta aos seus olhos qual é a natureza da sua necessidade. E quanto mais descobrimos as nossas exigências, mais nos apercebemos de que não as podemos resolver por nós, nem os outros podem, homens como nós, pobres coitados como nós. «O sentido de *impotência* acompanha toda a experiência séria de humanidade. É este sentido de impotência que dá origem à *solidão*. A verdadeira solidão não provém tanto do facto de se estar só fisicamente, como de descobrir que um problema fundamental nosso não pode encontrar resposta em nós ou nos outros. Pode-se perfeitamente dizer que o sentido da solidão nasce no próprio coração de todo o compromisso sério com a nossa humanidade.»¹⁰

É precisamente este sentido de impotência, no qual em última instância consiste a solidão e que cada um de nós experimenta na vida, que tem de encontrar resposta. Sem esta resposta tudo o resto é distracção.

Estamos sós com a nossa necessidade, que se comprova além disso em muitas das perguntas que têm surgido nestes meses. Ora, se é esta a nossa situação, o que é que nos permite ficar de pé? Por outras palavras: o que é o essencial de que precisamos para viver como homens, segundo toda a profundidade da nossa exigência? O que é *para nós* o essencial? Não há outra forma de detectar o que é essencial para nós a não ser surpreendendo, na experiência, de onde é que nós esperamos a resposta à necessidade do viver.

⁹ L. Giussani, *O Sentido Religioso*, Lisboa, Verbo, 2011, p. 56-57.

¹⁰ L. Giussani, *O Caminho para a Verdade é uma Experiência*, Coimbra, Tenacitas, 2007, p. 79.

Pode ser fácil e até óbvio, evidente, por causa da educação que recebemos, responder de imediato: para nós o essencial é Cristo, a presença de Cristo. Mas não nos podemos safar assim com tanta facilidade. Uma resposta mecânica não basta. Com efeito, muitas vezes, observando-nos em acção, temos de render-nos à evidência de que o essencial para nós está noutra parte.

O critério para descobrir isto é dado pelo santo Evangelho: «Onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração.»¹¹ Abre-se aqui a distância entre a intenção de que Cristo seja o essencial da vida e a surpresa de tantas vezes na experiência não ser assim. Aqui sobressai a diferença entre a intenção e a experiência. Podemos descobrir então que, mesmo de boa fé, o essencial passou a ser outra coisa e deixou de ser Cristo; e abalançámo-nos sobre outra coisa porventura até em nome daquele essencial que, ainda assim, continua a ser citado nos nossos discursos.

É decisivo assimilarmos o que estamos a dizer para não reduzir logo tudo ao problema dos nossos erros ou das nossas fragilidades quotidianas, das nossas incoerências morais. Quando se acentua a distância entre intenção e experiência, o que está em causa não é acima de tudo a coerência, não é quantas vezes erramos, mas sim o que nos define mesmo quando erramos; ou seja, o que está em causa é o conteúdo da autoconsciência, qual é o ponto real de consistência, o que é que efectivamente perseguimos e amamos na acção, o que é para nós o essencial. De facto, podemos ser incoerentes e estar contraditíssimos no essencial, como a criança – de que tantas vezes nos falou *don* Giussani –, que faz trinta por uma linha, faz a mãe perder a cabeça mil vezes ao dia, mas no centro do seu olhar não está senão a mãe. Ai se a levassem para longe dela! Punha-se aos berros, ficava desesperada.

Por isso, o desfasamento entre intenção e experiência não tem nada a ver com o *gap* entre teoria e aplicação, mas mostra que o conteúdo de consciência e de afeição “de facto” é (passou a ser) outro, independentemente da coerência-incoerência ética. Como a dizer que, sem o notarmos, muitas vezes nos desviámos, orientámos o nosso olhar para outro lado, nos centrámos noutra coisa (o essencial não foi negado, mas transformou-se num *a priori*, num postulado que ficou para trás e não define quem somos, a nossa identidade pessoal e o nosso rosto hoje no mundo).

A nossa história tem demonstrado isto de modo particularmente evidente em alguns momentos, como veremos amanhã. Basta por agora recordar quanto *don* Giussani nos disse, como retomámos na Jornada de Início de Ano: «O projecto tinha substituído a presença»¹² sem nos apercebermos.

O que é que nos permite olhar tudo, até mesmo os erros, até esta falta de autoconsciência, sem medo, livres da tentação de justificar-nos (como os publicanos, que iam ter com Jesus porque só com Ele podiam ser eles próprios, sem terem de negar nada de si mesmos; por isso O procuravam, por isso tinham necessidade de voltar a Ele: para poderem finalmente ser eles mesmos)? A certeza da Sua aliança, a certeza de que Ele usará também os nossos erros como oportunidade para nos fazer descobrir a Sua diversidade, quem Ele é. A certeza deste amor define a aliança que Deus fez connosco, como recorda o profeta Isaías: «Eis o que diz o Senhor: “Eu respondi-te no tempo da graça e socorri-te no dia da salvação. Defendi-te e designei-te como aliança do povo, para restaurares o país e repartires as heranças devastadas, para dizeres aos prisioneiros: ‘Saí da prisão!’, e aos que estão nas trevas: ‘Vinde à luz’. Ao longo dos caminhos encontrarão que comer, e em todas as dunas arranjarão alimento. Não padecerão fome nem sede, e não os molestará o vento quente nem o sol, porque o que tem compaixão deles os guiará, e os conduzirá em direcção às fontes. Transformarei os meus montes em caminhos planos, e as minhas estradas serão

¹¹ Mt 6,21.

¹² L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, op. cit., p. 64.

alteadas. Vede como eles chegam de longe! Uns vêm do Norte e do Poente, e outros, da terra de Siene”. Cantai, ó céus! Exulta de alegria, ó terra! Prorrompei em exclamações, ó montes! Na verdade, o Senhor consola o seu povo, e se compadece dos desamparados.»¹³

Apesar desta preferência, nós desafiamos o Senhor com a nossa conversa. «Sião dizia: “O Senhor abandonou-me, o meu dono esqueceu-se de mim”.»¹⁴ Quantas vezes pensamos assim! A esta provocação poderia reagir como nós, com a nossa habitual reactividade, irritando-se; mas Ele surpreende-nos com uma presença toda original, irreduzível. Em vez de se deixar determinar pela nossa conversa, por aquilo que dizemos ou pensamos d’Ele, aproveita a oportunidade para mostrar uma vez mais a Sua diversidade, desafiando a nossa razão de uma forma desconcertante: «Acaso pode uma mulher esquecer-se do seu bebé, não ter carinho pelo fruto das suas entranhas? Ainda que ela se esquecesse dele, eu nunca te esqueceria.»¹⁵

Que seria da nossa vida se não pudéssemos ouvir sempre de novo estas palavras? Esta é a Sua fidelidade, que nos permite olhar tudo, que nos permite deixar entrar a Sua própria presença na vida, a única que pode reduzir cada vez mais a distância entre a intenção e a experiência, porque nos dá a possibilidade de experimentar uma unidade de vida como aquela que experimentavam os publicanos encontrando Jesus. É por isso que voltavam a Ele, como também nós voltamos, esperando sentir «aquela palavra que [...] me libertou», «pela esperança que ele [...] tinha suscitado em mim.»¹⁶

É esta a unidade de vida que todos desejamos: «O adulto é quem alcançou a unidade de vida, uma consciência do seu destino, do seu significado, uma energia de adesão.»¹⁷ É o que todos desejamos: esta unidade de vida. Só assim poderemos ser verdadeiramente nós próprios e a nossa presença poderá ser útil para nós e para os outros. Como recordava *don Giussani* a certa altura da nossa história – foi em 1977 –, «nestes últimos anos passados nós fomos verdadeiramente vítima da presunção do movimento como panaceia para a Igreja e para a Itália. Mas [...] se o movimento não for a experiência da fé como solucionadora, como iluminadora das minhas problemáticas, também não pode ser uma proposta para os outros»,¹⁸ dizia *don Giussani*. Por isso desejava que a fé se tornasse uma experiência e nos ensinou sempre que o caminho para adquiri-la não é outro senão a personalização da fé. «“É chegado o momento da personalização [...] do acontecimento novo nascido no mundo, do factor de protagonismo novo da história, que é Cristo, na comunhão com aqueles que o Pai lhe entregou”. [...] *Giussani* sublinha que é um problema de experiência: “A primeira coisa em que nos temos de ajudar é confirmar que o principio de tudo é a experiência [...]. O conceito de experiência é provar ajuizando”.»¹⁹

Sem que a fé se torne experiência pessoal não existe a missão, e acabamos presunçosamente por nos tornar juizes de tudo. Porque a proposta passa através da minha humanidade mudada, e «o ímpeto da missão é uma gratidão, caso contrário é uma presunção».²⁰ Isto leva a perceber que hoje a única posição adequada é o testemunho, como nos adverte o Papa. O motivo é ainda *don Giussani* que nos recorda: «Numa sociedade como esta não se pode criar nada de novo a não ser com a vida: não há estrutura nem organização ou iniciativas que durem. Só uma vida diferente e nova pode revolucionar

¹³ *Is* 49,8-13.

¹⁴ *Is* 49,14.

¹⁵ *Is* 49,15.

¹⁶ Cf. C. Chieffo, «Ballata del’Uomo Vecchio» e «Il monologo di Giuda», in *Canti*, Milão, Società Coop. Ed. Nuovo Mondo, 2014, p. 218 e p. 230.

¹⁷ FCL, AMCL, fasc. CL/81, «Consiglio 18/19 giugno 1977».

¹⁸ FCL, AMCL, fasc. CL/85, «Centro 17.11.77. Sintesi».

¹⁹ A. Savorana, *Vita di Don Giussani*, Milão, Rizzoli, 2013, p. 762.

²⁰ FCL, AMCL, fasc. CL/85, «Centro 17.11.77. Sintesi».

estruturas, iniciativas, relações, enfim, tudo. E a vida é minha, irredutivelmente minha».²¹ Esta frase é belíssima!

É necessária a vida! Não basta a dialéctica. No entanto, há quem pense que o testemunho, isto é, a vida, a experiência de viver, é uma escolha própria de “renunciatórios”, intimista, uma justificação para desobrigar-se. Nada mais errado. O testemunho é na realidade a escolha mais exigente, porque pede um compromisso mais totalizante que qualquer outra opção. Pede tudo de nós, não apenas uns retalhos de tempo que resolvemos dedicar a algum projecto. O testemunho é para gente que quer viver à altura da sua humanidade, exige estarmos presentes com todo o nosso ser quando vamos ao encontro do outro, levando-lhe uma novidade vivida de modo tão radical que ele possa despertar em toda a sua humanidade, de homem a homem. «Deus salva o homem através do homem»,²² lemos na Escola de Comunidade. É necessária toda a minha humanidade. É necessário todo o sofrimento da nossa amiga Natasha diante do seu bebé para fazer nascer um novo serviço de patologia neonatal, não basta uma conferência *pro life*. O testemunho não é pôr-se à margem ou retirar-se da batalha: exige o empenho de toda a minha humanidade: energia, afeição, inteligência, tempo, unidade de vida. Qual espiritualismo! Qual delegar em algum entendido: armemo-nos e lancem-se!

Portanto, insistir na personalização da fé é insistir no manancial de onde pode brotar aquela diversidade que nos faz ser presença, capazes de um testemunho original na sociedade. Quem não sente esta necessidade? Nós só podemos viver a responsabilidade a que nos chamou o Papa se não dermos por adquirido o sujeito (isto é, que já somos testemunhas pelo simples facto de o dizermos), mas aceitarmos fazer aquele caminho que nos levará a ser testemunhas segundo o desígnio que Deus quiser. O movimento é aquilo que ajuda nisto e nada mais – diz Giussani –: ajuda-te a seres tu próprio.

«O caminho para a verdade é uma experiência.» Foi sempre assim. «No conceito de desenvolvimento está em jogo a própria vida pessoal de Newman. Parece-me que isto se torna evidente na sua conhecida afirmação, contida no famoso ensaio sobre *O Desenvolvimento da Doutrina Cristã*: “aqui, na terra, viver é mudar, e a perfeição é o resultado de muitas transformações”», escreve Newman em *O Desenvolvimento da Doutrina Cristã*. É Ratzinger que o cita e prossegue: «Newman foi ao longo de toda a sua vida uma pessoa que se converteu, que se transformou, e desta forma permaneceu sempre ele mesmo, e tornou-se cada vez mais ele mesmo. Vem-me à mente a figura de Santo Agostinho, tão semelhante à figura de Newman. Quando se converteu no jardim perto de Cassiciaco, Agostinho tinha compreendido a conversão ainda segundo o esquema do venerado mestre Plotino e dos filósofos neoplatónicos. Pensava que a vida de pecado passada estava agora definitivamente superada; o convertido seria daquele momento em diante uma pessoa completamente nova e diferente, e o seu caminho seguinte teria consistido numa contínua subida para as alturas mais puras da proximidade de Deus, algo como o que descreveu Gregório de Nissa em *De vita Moysis*: “Precisamente como os corpos, logo que receberam o primeiro impulso para baixo, mesmo sem ulteriores estímulos, afundam-se por si mesmos... também mas em sentido contrário, a alma que se liberta das paixões terrenas, se eleva constantemente ao de cima de si com um movimento veloz de ascensão... num voo sempre em direcção ao alto”. Mas a experiência real de Agostinho era outra: ele teve de aprender que ser cristãos significa, ao contrário, percorrer um caminho sempre mais cansativo com todos os seus altos e baixos. A imagem da ascensão é substituída pela de um *iter*, um caminho, de cujas fatigantes asperezas nos confortam e amparam os momentos de luz que, de vez em quando, podemos receber. A

²¹ «Movimento, “regola” di libertà», O. Grassi (org.), *Litterae Communionis CL*, Novembro de 1978, p. 44.

²² L. Giussani, *Na Origem da Pretensão Cristã*, Lisboa, Verbo, 2002, p. 120.

conversão é um caminho, uma via que dura a vida inteira. Por isso, a fé é sempre *desenvolvimento*, e precisamente assim maturação da alma para a Verdade, que “nos é mais íntima de quanto nós o somos para nós mesmos”.²³

Esta maturação dá-se através de todas as circunstâncias da vida: «O mundo, com todos os seus terremotos, é instrumento do chamamento de Deus à autenticidade e à verdade da vida, para todos, mas em particular para o cristão, que é como a sentinela no campo do mundo». Por vezes estes terremotos desconcertam-nos. É normal, como nos recorda *don Giussani*: «No fundo, como lei, não podemos evitar esta desorientação. “O mundo rirá, e vós chorareis”».²⁴

Tudo quanto dissemos torna-nos conscientes da nossa necessidade. Esta consciência é decisiva para um gesto como este que estamos para começar. Porque os Exercícios da Fraternidade são propriamente um gesto. Por conseguinte, além da lição e da assembleia, são também silêncio, canto, oração, súplica sobretudo. Ao participar num gesto como este podemos reduzi-lo, de maneira que cada um escolhe, a contento do critério pessoal, no que participar ou o que seguir de todo o pacote! Como se fôssemos ao médico, mas decidíssemos nós quais dos remédios tomar. Pelo contrário, quanto mais conscientes estivermos da nossa necessidade, mais tudo o que vamos viver nestes dias, todo o sacrifício que vamos fazer, se tornará um grito, um grito para que o Senhor tenha piedade de nós. Peçamo-lo!

²³ J. Ratzinger, *Discurso do Cardeal Joseph Ratzinger no Centenário da Morte do Cardeal John Henry Newman*, 28 de Abril de 1990.

²⁴ L. Giussani, «La lunga marcia della maturità», *Tracce-Litterae communionis*, marzo 2008, p. 71.